

A PERCEPÇÃO DO ESPAÇO URBANO: O OLHAR A PARTIR DAS CRIANÇAS E ADOLESCENTES MORADORES DE PORTO VELHO-RO

Elisângela Ferreira de Menezes, Rafael Ademir
Oliveira de Andrade, Rodrigo de Amurim dos Reis¹

Resumo

Este trabalho da análise sistemática de mapas mentais desenvolvidos por crianças residentes na cidade de Porto Velho e assim partimos da discussão acerca do território e representação simbólica dos mesmos a partir de mapas mentais construídos pelas mesmas. O mesmo pretende discutir a luz dos diálogos entre a geografia, cultura, representação e o dialogismo, as possibilidades de análise do espaço. Igualmente, pretende oferecer uma ótica diferenciada do espaço urbano de Porto Velho, elucidando isso pelo olhar das crianças e adolescentes estudantes da Escola Estadual Carmela Dutra e moradores desta cidade. Nesse sentido, visa contribuir para a reflexão sobre a cidade como palco das representações dialógicas dentro do dinamismo exposto pelos olhares de diferentes atores sociais sobre as representações simbólicas do território que mesclam territorialidades, identidades, cosmogonias diferentes que enfrentam fenômenos coletivos e interpretam individualmente.

Palavras-Chaves: Espaço. Cidade. Porto Velho. Geografia Cultural.

THE PERCEPTION OF URBAN SPACE: THE LOOK FROM THE RESIDENT CHILDREN AND ADOLESCENTS OF PORTO VELHO-RO

Resumen

Este trabajo del análisis sistemático de mapas mentales desarrollados por niños residentes en la ciudad de Porto Velho y así partimos de la discusión acerca del territorio y representación simbólica de los mismos a partir de mapas mentales

¹ Elisângela Ferreira de Menezes, Universidade Federal de Rondônia (UNIR), elisangela.unir@hotmail.com; Rafael Ademir Oliveira de Andrade, Centro Universitário São Lucas (UNISL), profrafaelsocio@gmail.com; Rodrigo de Amurim dos Reis, Universidade Federal de Rondônia (UNIR), amurim@gmail.com

construídos por las mismas. El mismo pretende discutir la luz de los diálogos entre la geografía, la cultura, la representación y el diálogo, las posibilidades de análisis del espacio. Igualmente, pretende ofrecer una óptica diferenciada del espacio urbano de Porto Velho, elucidando eso por la mirada de los niños y adolescentes estudiantes de la Escuela Estatal Carmela Dutra y habitantes de esta ciudad. En este sentido, pretende contribuir a la reflexión sobre la ciudad como escenario de las representaciones dialógicas dentro del dinamismo expuesto por las miradas de diferentes actores sociales sobre las representaciones simbólicas del territorio que mezclan territorialidades, identidades, cosmogonías diferentes que enfrentan fenómenos colectivos e interpretan individualmente.

Palabras clave: Espacio. Ciudad. Porto Velho. Geografía cultural

A geografia cultural e o espaço geográfico

A geografia cultural elucidada olhares diferenciados sobre o espaço geográfico, nele podemos ver não só elementos materializados, mas a vida que movimenta esses elementos. Podemos ver que as motivações dos seres humanos que levam a experiências diferentes em cada espaço. Durante o andamento dos diálogos nas aulas, percebeu-se a importância do estudo geográfico dentro de uma perspectiva mais densa, valorizado o meio e o ser humano que nele vive. Pois, somos a soma da bagagem histórica e cultural que vem das práticas historicamente construídas percorrendo nesse caminho as mudanças até chegarmos à complexidade das sociedades modernas e pós-modernas.

No percorrer desse caminho trazemos a leitura de Claval (2002) que considera a linguagem responsável pela transmissão da cultura e destaca que a cultura é indispensável ao indivíduo, pois ela é responsável por dar sentido e significação para a existência humana. De tal modo, consideramos que a geografia cultural tem o papel de evidenciar como o lugar é ocupado através das construções da representação, da subjetividade e dos laços emocionais criados por meio de uma comunicação e linguagem coletiva.

Ao tratar de temas mais específicos, temos que buscar conhecer bem o espaço que se pretende pesquisar, pois em cada espaço há especificidades, subjetividades pertencentes ao povo que nele vive.

Por isso, quando escolhemos evidenciar a percepção da cidade de Porto Velho-RO, temos que procurar entender quais processos históricos estamos vivenciando, para dessa forma, tratar dos temas pertinentes. O primeiro passo é entender que essa cidade se encontra dentro do contexto amazônico transfronteiriço, cercado por belezas naturais, assim como recursos que são de interesse econômico para a região.

Estamos vivenciando um o final do ciclo das Hidrelétricas que se encontram em fase de conclusão. Durante a construção da hidrelétrica, presenciamos as modificações no espaço e na paisagem geográfica e isso ocorreu de forma brusca, na maioria das vezes deixou rastros de conflitos, desigualdade, violência, tristeza e a degradação social e ambiental. A transformação da cidade de Porto Velho, teve um sabor de decepção entre os seus habitantes, o projeto que outrora era de desenvolvimento acabou se transformando em um espaço desorganizado e desestruturado.

No início de 2014, ocorreu a maior cheia do Rio Madeira, dos últimos anos em Porto Velho, na qual toda a população sentiu os abalos deste problema. Muitas populações ribeirinhas ficaram desoladas, sem casas vivendo em abrigos nas escolas e barracas de lona. Isso representou ainda mais a desorganização do espaço, bem como a sensação de abandono na qual a população portovelhense vivenciou.

O poder público não conseguiu atender a demanda, tornando-se alguns casos ineficiente no apoio as famílias desabrigadas. Neste momento, a cidade passou por sérios problemas estruturais causados não só pelas cheias, mas por agravo das obras inacabadas desde 2008, ruas extremamente esburacadas, hospitais lotados e a violência urbana cresceram ainda mais.

Igualmente, a partir dos acontecidos acima relatados, foi possível entender os resultados obtidos nos mapas dos adolescentes. Pois não era possível compreender tais imagens se não estivéssemos vivenciados esses momentos conflituosos em Porto Velho. Para isso, optamos em aplicar a metodologia dos mapas mentais, pois desse modo seria possível captar as

subjetividades e a percepção que as crianças e adolescentes da Escola Estadual Carmela Dutra, tiveram ao retratar a cidade de Porto Velho.

O olhar e o perceber, como entender o espaço através dos mapas mentais?

Os mapas mentais são importantes aportes metodológicos que estão ganhando cada vez mais espaço nas pesquisas geográficas. Por meio deles, é possível captar detalhes do não dito, ou seja, algo que por vezes não é revelado por meio das falas. Por isso, o mapa mental é considerado uma forma de linguagem. A geógrafa e pesquisadora Salete Kozel compreende que [...] *o mapa mental é um enunciado que advém de relações dialógicas estabelecidas entre interlocutores no contexto socioespacial [...].*

Assim, ela entende que: *Por meio da linguagem, o sujeito se expressa, expõe seu mundo vivido. E, sem dúvida, os mapas mentais são de suma importância no campo das representações e a construção de significados espaciais* (2009, p.127). Ou seja, a percepção tem um papel importante na construção dos signos. (Kozel, 2009)

A partir da metodologia Kozel (2007) podemos entender e interpretar os mapas mentais na análise geográfica. Assim, usamos os critérios de análise de conteúdo baseados nas concepções trabalhadas por Kozel; a linguagem dialógica e os mapas como enunciados que operam por meio de signos – baseados em Bakhtin (1999).

Os mapas mentais também são vistos por Kozel como “textos” dialógicos e apresentam uma diversidade de vozes, essas vozes podem ser entendidas como a coletividade dos sujeitos (SOUSA, 2012) as vozes sociais que aparecem dentro dos mapas remetem as representações partilhadas socialmente, visões de mundo, valores e processos históricos vividos pelos grupos humanos.

Com base nessas articulações dialógicas a proposta foi entender a partir da visão de mundo dos sujeitos. Por conseguinte, esta metodologia foi realizada junto a 38 alunos, estudantes do 6º ano da Escola Estadual Carmela Dutra em Porto Velho-RO. Com idade entre 10 e 12 anos. Assim, os mapas foram produzidos nos meses de maio e junho de 2014. É importante frisar que os mapas foram produzidos dentro da sala de aula, durante as aulas de geografia,

assim, eles experimentaram demonstrar o seu conhecimento do espaço geográfico do lugar onde moram.

No início foi pedido para os alunos fizessem um desenho respondendo a seguinte pergunta: *Como você vê a cidade de Porto Velho?* Para eles não houve dificuldade em construir um desenho, as crianças e os adolescentes gostam de se expressar através de imagens, pois veem nisso certa forma de divertimento. Eles apressadamente conseguem expor a imensa criatividade que têm em mostrar detalhes que por vezes nos passam despercebidos. Foi evidenciado nos mapas que eles, apesar de pouca idade, têm consciência dos problemas sociais, ambientais e até culturais da cidade.

Destacou enfaticamente a questão da violência urbana, mortes, assaltos, brigas no trânsito e conflitos entre as pessoas, demonstrando a topofobia geradora dos medos da cidade. Foram evidenciados também a desigualdade social em muitos mapas, demonstrando a impressionante percepção das crianças acerca de problemas que parecem ser só de adultos, mas eles percebem claramente o que ocorre. Inclusive o racismo, preconceito escondidos na sociedade brasileira.

Foram igualmente evidenciados nos mapas paisagens sobre a cheia histórica do Rio Madeira, os mapas mostravam a destruição, tristeza e a poluição que colocou em risco toda a população. Mostrou além disso a destruição do patrimônio histórico de Porto Velho representado pela Maria Fumaça, o trem da Estrada de Ferro Madeira Mamoré foi tomado pelas águas do Rio Madeira.

Apresentando os mapas mentais

A partir dos resultados obtidos, optou-se por mostrar quatro mapas mentais. Entre vários percebi que esses podem representar o imaginário que as crianças e adolescentes criaram acerca da cidade de Porto Velho. Havia muitos mapas com representações semelhantes, e depois conversando com os alunos percebemos que eles compartilhavam do mesmo pensamento acerca da imagem criada. O primeiro mapa que vamos apresentar faz alusão aos problemas sociais da cidade, mostrando o caos que se propaga com a violência, isto é percebido e vivenciado claramente pelos olhares dos alunos.

Nessa lógica, seguiremos os critérios da aplicação e análise de conteúdo dos mapas mentais proposta por KOSEL (2009): A Interpretação quanto à forma de representação dos elementos da imagem; Interpretação quanto à distribuição dos elementos da imagem; Interpretação quanto a especificidade dos ícones; Representação dos elementos da paisagem natural; Representação dos elementos da paisagem construída; Representação dos elementos móveis; Representação dos elementos humanos e apresentação de outros aspectos e particularidades.

Fazendo uma correlação entre as imagens encontradas nos mapas e a obra de Tuan em Paisagens do Medo (2005), percebemos que o medo está presente em todas as sociedades e é sentido de diferentes formas, dependendo de uma série de fatores, pode ser mais ou menos intenso quando sentido em contextos diferentes. Na cidade de Porto Velho há uma sensação de insegurança que transparece por meio deste mapa, principalmente quando nos encontramos fora dos lares, pois a casa representa ainda um lugar, refúgio que remete a segurança. Quando o autor se refere a "Paisagem" ele refere-se tanto aos estados psicológicos como ao meio ambiente real.

Figura 01: Mapa mental elementos móveis e humanos



Neste mapa percebe-se uma série de ícones distribuídos em todo o espaço da folha, cada um desses ícones representa uma situação real do cotidiano da cidade de Porto Velho. Neste mapa, o único elemento da paisagem natural é o rio que ficou no final da folha, o restante refere-se a elementos da paisagem construída pelos elementos humanos. Os elementos mostram situações de perigo, medo e dor vivenciada em Porto Velho. Primeiro o aluno desenha um homem armado atirando, como se estivesse assaltando uma casa.

Nas imagens posteriores assaltos, polícia, mortes, atropelamentos, pessoas se agredindo, e o que nos chamou a atenção, aparecem uma criança andando de bicicleta. Talvez mostrando que apesar de todo o caos ainda existe certa paz e harmonia e a inocência das crianças poder ser uma quebra da angústia social a qual vivemos.

Observamos nesse mapa as marcas do dialogismo na qual Sousa (2012) destaca que o sujeito é constituído historicamente e suas relações são socialmente construídas por meio de um diálogo nem sempre simétrico e harmonioso, este reflete o viver de um grupo, assim como o significado que ele atribui as coisas.

Então, compreende-se que este aluno quando traz essas imagens e a reproduz materialmente, ele remete o que vive em sua cidade, o que assiste na TV, o que ouve de seus pais, parentes e amigos. Portanto, ele representa várias vozes em seu “texto”, e muitas vezes o que ouve e vê sobre sua cidade está mais relacionado com o lado negativo e perigoso que a ela pode representar.

No segundo mapa elaborado por um aluno de 11 anos expressa-se a sua ótica sobre a cidade demonstrando um grave problema, comum na maioria das cidades brasileiras.

Figura 02: Mapa mental desigualdade social



No mapa acima aparecem elementos da paisagem construída e urbana de Porto Velho. Uma rua, uma instituição bancária e pessoas que ali se encontram remetem o que ele mesmo escreveu “Desigualdade Social”. Do lado esquerdo do mapa encontra-se duas pessoas, e uma delas no deitado no chão remetendo a imagem de um mendigo, este lado representa a miséria e o descaso que a maioria da população vive, em frente a uma instituição bancária, o símbolo do capitalismo, na qual quem tem dinheiro pode estar neste lugar, quem não tem dinheiro fica para o lado de fora. Do lado direito aparecem pessoas felizes, uma mulher e uma pessoa desfrutando das benesses que o dinheiro e o poder econômico podem proporcionar.

Diante desta imagem do lado direito onde aparecem um casal se divertindo com muito dinheiro, refletimos também sobre outra problemática; o que temos criado quanto a imagem do consumo, isso parece ter muita importância para as crianças e os adolescentes. Eles dão muita importância para os bens materiais, equipamentos tecnológicos, roupas, tênis, e outros objetos. O consumo é simplesmente a palavra de ordem desta geração.

Esses valores de consumo são muitos cultivados e valorizados nas cidades, ainda mais do que em espaços rurais. E tem gerado ansiedade, aflição e descontentamento entre todas as gerações. Atualmente tem-se ouvido muito a palavra “ostentação”, este termo tem se difundido fortemente entre as crianças e os adolescentes. Muitos deles têm se apropriado deste termo evocando o dinheiro acima de tudo, os valores e conhecimentos tem se resumido ao que o dinheiro pode comprar. Por essa ótica, vemos que a desigualdade social passa também pelo filtro dos valores sociais cultivados entre as gerações. Pois assim, entende-se que a desigualdade não está centrada somente na renda, no dinheiro, mas em uma série de fatores como educação, saúde e segurança.

A maioria das crianças tem aspirações voltadas para o consumo. Atualmente o aparelho celular representa a “ostentação” para essas crianças. Há uma infinidade de modelos e preços de celulares no mercado. Assim, eles compram para mostrar para os outros que eles podem e tem poder de compra. Enquanto os outros que não podem ter passam pela humilhação e se sentem excluídos do grupo de amigos.

Vejamos nesse sentido a contribuição que a geografia e as representações no sentido de entender de que forma as crianças internalizam esses valores sociais. As representações estão diretamente relacionadas às normas religiosas, regras morais e sociais, bem como a ideia de dimensão do mundo. Tudo isso, remetem a identidade coletiva e sua relação intrínseca com o espaço, somente analisando no contexto macro é possível compreender como eles se reproduzem. Dessa forma, na ótica do teórico Serge Moscovici, mostra que as representações são construções, pois nos remetem ao real, significa nosso esforço de transformar algo abstrato em concreto:

As representações que fabricamos – de uma teoria científica, de uma nação, de um objeto, etc. – são sempre o resultado de um esforço constante de tornar real algo que é incomum (não familiar), ou que nos dá um sentimento de não familiaridade. Através delas, superamos o problema e o integramos em nosso mundo mental e físico, que é, com isso, enriquecido e transformado. Depois de uma série de ajustamentos, o que estava longe, parece ao alcance de nossa mão; o que era abstrato torna-se concreto e quase normal (...) as imagens e ideias com as quais nós compreendemos o não usual apenas trazem-nos de volta ao que nós já conhecíamos e com o qual já estávamos familiarizados. (MOSCOVICI, 2007, p.58).

Para Kozel (2009) todo o conhecimento geográfico está interligado a um contexto de representações sociais que se difundem e podem ser integradas aos conhecimentos científicos. Portanto, ela tem servido de aporte para a compreensão de vários fenômenos socioespaciais.

Assim também concebe Kozel (2009, p.227) que vê a representação como uma síntese entre os fenômenos cognitivos, afetivos e sociais, que na realidade estão todos interligados, elas são construídas com base em diversos processos de internalização e incorporam análises ideológicas, saberes populares e o senso comum. Com base nessas análises vemos como as vivências cotidianas contribuem para a formação das representações, mesmo as crianças já trazem uma bagagem de visões de mundo e representações que lhe são ensinadas desde a mais tenra idade.

No mapa seguinte foi evidenciada a problemática das cheias do rio Madeira que ocorria nesse período. Em vários mapas aplicados apareceram no imaginário dos alunos a questão da cheia. Neste mapa aparecem elementos

dispersos na forma horizontal, contidos os elementos naturais como o rio e os peixes e os elementos construídos, representados pela casa. A cheia do Rio Madeira afetou a vida de todos os moradores de Porto Velho, indireta e diretamente, mesmo as pessoas que ficaram longe das áreas alagadas, tinham que conviver com os problemas como, por exemplo, o trânsito caótico que ficou na cidade. Nos noticiários apareciam cenas impressionantes do estrago causado pela cheia, inclusive muitas escolas serviram como abrigo para as populações que ficaram longe de suas casas.

Figura 03: Mapa mental das cheias do rio Madeira

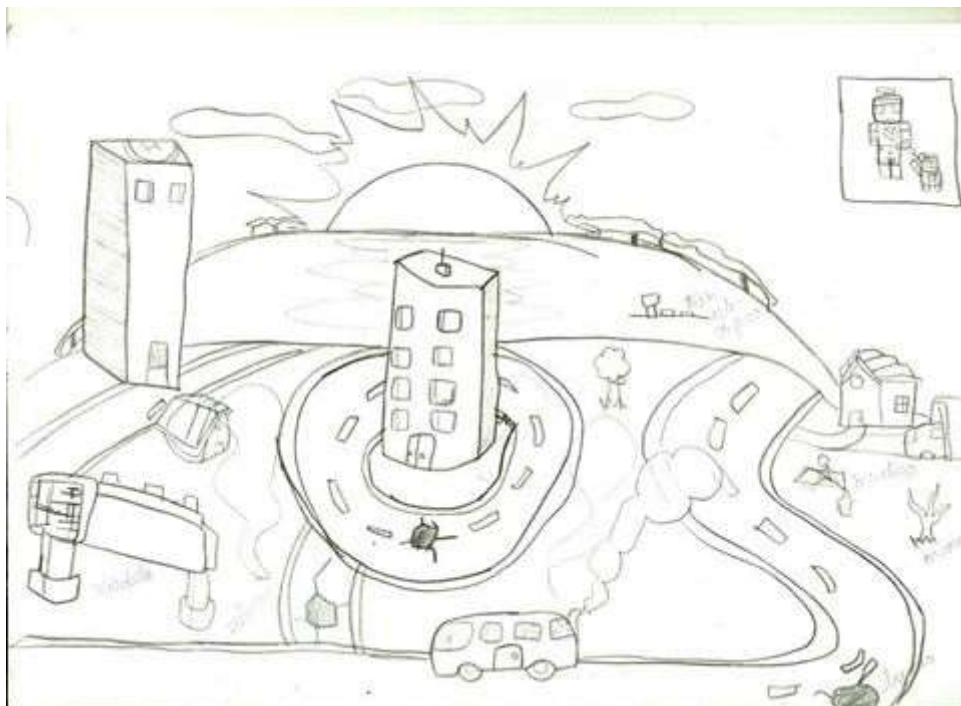


Toda a desorganização e desestruturação da cidade se tornaram atenuantes para o problema das cheias. Isso foi sentido por todos os seus habitantes, principalmente aqueles que se locomovem todos os dias para o trabalho e para a escola, sem contar com os comerciantes que tinham seus estabelecimentos próximos ao rio Madeira.

Logo, em muitos mapas apareceram o problema da poluição, água contaminada, lixo espalhado pelas ruas, peixes morrendo, a inundação do patrimônio histórico da cidade. Enfim, grandes degradações ambientais e sociais foram mostradas nos mapas. Novamente nos deparamos com o pensamento coletivo da população, onde atribuem todas essas situações ao descaso do poder público frente aos problemas que ocorreram.

No último mapa temos uma demonstração de que os alunos conseguem ter uma percepção real dos problemas de sua cidade, nos quais evidenciam problemas estruturais, ambientais e problemas sociais.

Figura 04: Mapa mental dos problemas da cidade



Temos neste mapa os elementos distribuídos de forma horizontal dispersa em toda a folha, incluem-se elementos construídos sobre os elementos naturais, mostrando a crescente urbanização na qual a cidade de Porto Velho está passando. Porém, alguns detalhes devem ser levados em consideração. A separação dos espaços, de acordo com a condição e a classe social. No lado direito do mapa percebe-se algumas casas mais humildes e com pouca estrutura, é fato que esses problemas são evidentes em Porto Velho, temos uma crescente urbanização desorganizada e excludente, e isso se reflete no espaço ocupado, assim estes espaços vão ficando segregados e mudam a paisagem da cidade. Do mesmo lado direito, aparecem árvores destruídas, na qual o aluno quis mostrar a destruição da natureza, já que em Porto Velho temos cada vez menos árvores, o que gera o aumento do calor ainda mais.

Temos também os buracos nas ruas da cidade, o que dificulta o trajeto de veículos e pessoas, colocando em risco a vida. Dessa forma, o poder público

municipal não é capaz de deixar a cidade organizada com o mínimo para a locomoção da população.

Nesse sentido, colocamos os mapas como elementos e redes compartilhadas de significações dentro do grupo social, todos esses significados das imagens são compartilhados socialmente evocando uma predominância de sentidos negativos sobre a cidade, principalmente no período pós-cheia. Temos mais do que somente problemas estruturais, mas a evidência dos problemas sociais que crescem na cidade, a desigualdade social, violência de várias formas, acabam tornando a cidade um local de perigo para seus moradores. Observa-se que os alunos têm um imenso descrédito com relação ao poder público, não acreditam nas ações e colocam a corrupção como o maior fator das mazelas vividas em Porto Velho.

Considerações Finais

Em linhas gerais, viu-se que a ciência geográfica pode colaborar para entender a percepção dos espaços vivenciados pelos moradores de Porto Velho. No tocante deste trabalho, percebeu-se a importância dos mapas mentais vistos como “textos” a serem lidos, podem mostrar as visões de mundo dos sujeitos, bem como colocar para fora, os medos, anseios e problemas que podem inquietar a população. Em especial, observa-se que as crianças e adolescentes se inquietam com esses problemas e mais do que isso, elas percebem problemas graves que ocorrem neste espaço urbano.

Mesmo ainda sem entender as razões, eles conseguem identificar pontos críticos vivenciados em Porto Velho. Portanto, é importante ouvi-las, valorizar as vozes dos jovens, crianças e adolescentes como forma de entender as especificidades de cada grupo, valorizar as identidades plurais, e por fim valorizar a autoestima deste grupo.

Com este breve trabalho podem evocar o poder público para ouvir o que a população tem a dizer sobre sua cidade, o que podemos melhorar para que todos possam sentir orgulho de viver em Porto Velho.

Fontes consultadas

BAKHTIN, M. Voloshinov, v.n. *Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 3ª ed. São Paulo: HUCITEC, 1986-1999.

CLAVAL, P. Campo e Perspectiva da geografia cultural. IN: Corrêa, Roberto Lobato; Rosendhal, Zeny. (Orgs.). *Geografia Cultural: Um século* (3). Rio de Janeiro. UERJ, 2002.

KOZEL, S. Mapas Mentais-Uma forma de Linguagem: Perspectivas Metodológicas. IN: KOZEL, S., SILVA, J.C., GIL FILHO, S. F., (Orgs.). *Da Percepção e Cognição a Representação: reconstrução teórica da Geografia Cultural e Humanista*. São Paulo: Terceira Margem; Curitiba: NEER, 2007.

_____. As representações no geográfico. IN: MENDONÇA, F; KOZEL, S. (orgs.). *Elementos de Epistemologia da Geografia Contemporânea*. Editora: UFPR, 2002. Reimpressão 2004. 1ª ed. Rev. 2009.

_____; SOUSA, L. F. Parintins, que espaço é esse? Representação espacial sob a ótica do morador e do visitante. IN: KOZEL, S.; COSTA SILVA, J.; FILIZONA, R.; GIL FILHO, F (org.). *Expedição amazônica: Desvendando espaços e representações dos festejos em comunidades Amazônicas*. Curitiba: SK ed., 2009.

MOSCOVICI, S. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Rio de Janeiro, Vozes, 2003.

SOUSA, L. F. *Espaços Dialógicos dos Barqueiros na Amazônia: Uma relação Humanista com o Rio*. Tese de Doutorado em Geografia. UFPR: Curitiba, 2012.